

Director-Editor
FERREIRA DA SILVA
A quem deve ser dirigida toda a correspondência.

Endereço telegráfico
ALGHARVE — Faro

Não se registam originares, sejam ou não publicados, e não se aceitam informações anónimas.

Redacção e administração
Rua de Alportel n.º 27

O ALGARVE

SEMANARIO INDEPENDENTE

Domingo, 1 de agosto de 1920

O problema da habitação

E cada vez mais grave a situação do inquilino em face da escassez absoluta de casas para moradia, que se nota pelo paiz fora.

Na província do Algarve essa dificuldade acentua-se também de uma forma assustadora, a ponto de em Faro, a sua capital de distrito, não se encontrar presentemente nenhuma casa para alugar.

Aludi há tempo este jornal, em primeira mão, a uma iniciativa do activo comerciante e industrial d'esta praça sr. Alfredo da Silva, segundo a qual seria construído em Faro um bairro composto de casas caracteristicamente algarvias.

Não sabemos o estado em que a ideia se encontra, mas dada a circunstância daquele sr. se encontrar doente, natural é que todos os trabalhos iniciados estejam suspensos.

Efectivada, porém, a ideia não tenhamos, a veleidade de pensar que ela resolve em absoluto o problema, que tão gravemente afecta a nossa terra, tal como afecta a grande maioria do paiz.

O remedio para o mal reside nas Camaras Municipaes. Seriam estas que poderiam construir casas, e aluga-las em condições de poder não só prestar um grande serviço aos seus munícipes, como arrecadar uma receita rasoável pelo aluguer ou venda desses predios.

Assim o entendeu ultimamente o município de Paris, onde, como entre nós, a crise das habitações é grave e assustadora.

L'Éclair, o sensato quotidiano francês, dedica num dos seus numeros um interessante artigo sobre o assunto. Nesse artigo põe-se em relevo o esforço feito pelo município de Paris para remediar a crise da habitação causada pelo aumento da população e a paragem havida nas construções.

Subsidiadas pela cidade de Paris, na importância de 10.500.000 francos, a reparação das casas baratas construiu imponentes imóveis que

comprendem entre 80 a 100 alojamentos. Ao mesmo tempo fez a aquisição de terrenos que representam 7.000 metros quadrados, nos quais vão ser edificadas habitações.

A municipalidade apresentou alem disto uma proposta segundo a qual ficarão em breve à disposição do povo parisiense nada menos de 2.000 alojamentos. Emfim, *L'Éclair* comenta como alguns edifícios iniciados em 1914, isto é, ao estalar a grande guerra, vão ser

preparados de forma a fornecerem alojamentos ao preço de 800 francos.

Alem destas o município trata de construir casas para classes medias, e nesse sentido foram já adquiridos vários terrenos em Plessis, Robison, Champigny, Ronni, Suresnes, Drancy, etc., sendo edificadas ahi as casas-jardins de que tanto se tem falado.

E assim que lá fora se procede; tendo em vista remediar uma crise que afecta todas as classes e que bastante dificulta a vida.

A França, paiz que apresenta uma situação financeira superior à nossa, procede assim, tendo em linha de conta as mais instantes necessidades do povo, e procurando adquirir verba para os seus municípios com a exploração da industria da propriedade urbana.

Porque não fazemos nós o mesmo?

ECOS DA SEMANA

A feira de Lisboa

Pelo nosso colega da capital *A Patria*, fui apresentado o avanço da realização dum grande feira regional efectuada em Lisboa no proximo ano de 1921 e na qual serão expostos os mais característicos exemplares de cada província portuguesa.

Por essa forma deseja aquele nosso colega fazer atrair a atenção não só dos estrangeiros como dos proprios nacionais para a importância das nossas industrias e das nossas riquezas.

E de prever que a efetivar-se a ideia de *A Patria*, a qual não

NOTAS E COMENTARIOS

HA 44 ANOS

D' «O Distrito de Faro» de 27 de julho de 1876

Azeite! Enfim azeite! E o vinagre ri-se, a fazer cataratas, o limão suspira de alívio sobre as ôbias do precioso líquido e os vesugos saracotear-se sobre os pratos, brincando com o apetite voraz de tantos comilões como insaciáveis!

O consumidor pega em desseis tostões e um pacote, vai até à esquadra, entra na bicha e volta dez horas depois com azeite para o outro dia; os comerciantes, que o venderam a 1500, arrelam-se e a tabela, a quem os cascavos de azeite pisaram os calos, cai desmaiada e um cívico leva a nos braços para o Hospital Civil, quasi sem esperanças de salvação! Pobre criaatura!

E o comissário e nosso amigo Eduardo Correia Gaspar, que na melhor das intenções, certamente, quis servir o público, pôs as mãos na cabeça e algodão nos ouvidos, para não endoidecer com o vozear do risão:

Casa onde não ha pão...

Estamos no seculo das falencias. Fabram as tabelas, faliu a moral, somos um casa falida e até faliu a velha diplomacia ingleza.

A resposta do governo dos soviets, da Russia bolchevista, a nota do governo inglez sobre as relações pacíficas d'aquela paiz e os estados fronteiriços, cheia de arrogância e impertinencia, como a classificaram os proprios jornais inglezes, é um cheque formidavel à diplomacia da nossa velha aliança e uma derrota moral para Lloyd George, que vê os seus créditos de diplomata amarrados em mãos bolchevistas.

A ser exata a nota publicada nos jornais, não fariam asneira em importar para o nosso paiz um pouco da diplomacia Russa.

Manuel Cetano de Sousa

Findou já o prazo de um ano durante o qual o nosso particular amigo o sr. barão da Ponte de Marial cumpriu religiosamente o compromisso que tão voluntaria e generosamente se imposera de dar quotidianamente uma sopa a 40 pobres.

Vae dar-se começo, ainda neste mês, à projetada transformação do quintal da Egreja de N. S. do Pé da Cruz desta cidade, em casas para residencia do seu sacrifício, para as sessões da mesa da dita confraria e para arrecadação de varios objectos da mesma, que se acham mais ou menos deteriorados por falta de lugar proprio para esse fim.

A construção das novas casas foi orçada em quantia excedente a 40.000 reis.

Sabemos que o nosso amigo sr. Joaquim Filipe de Lemos Lobo Freire Pantoja, digno presidente da mesa dessa confraria, ofereceu já o vestimento necessário para aquela obra.

O sr. Pantoja tem sido incansável em promover os melhoramentos materiais e o esplendor das festas da confraria do Pé da Cruz, e muito lhe deve por isso a cidade que geralmente presta entranhada devocão à Senhora daquela invocação.

— Durante a minha vida nunca encontrei uma mulher feia.

— Deveras? diz uma senhora que tinha o nariz chato; desancho a que me acha bonita.

— V. Ex. é uma beleza. É um anjo que caiu do céu, mas quando chegou a terra bateu com o nariz no chão.

— Cento-as outra vez; mas agora não me demores, suplicou, gente a infeliz.

Mas a noite foi inexorável, e a pobre mãe, torcendo as mãos, cantava e chorava. Foram muitas as suas canções e ainda mais as suas lagrimas.

— Afinal disse a noite: Vae direita aquele escuro pinhal. Foi para lá que vi a morte em caminhar; a desventurada correu para onde lhe diziam.

— Viu um pé de tojo sem folhas nem flores, mas cem os ramos e espinhos cobertos de geada.

— Não visto passar a morte com o meu filho?

— Sim respondeu o tojo, mas não digo para onde, se me não aqueceres contra o teu seio. Morro de frio e estou quasi feito num pedaço de gelo.

— O que das sê eu te deixar entrar em casa da morte?

— Valha-me Deus! Não tenho nada! Olha davante a vida, se pudesses teus, que são pretos e lindos.

— Aqui os teus disse lhe a mãe, entregando-lhos.

— A morte pouco tardará.

Naquele instante passou um sopro de ar gelado, que fazia arripiar,

A REGENERAÇÃO PORTUGUEZA

Temos depois a ver os esforços dos educadores. Onde estão elles? Sim, onde estão os nossos jornais da indústria dos que engajaram a America, a Inglaterra, a França, o Brasil e a Espanha. Onde estão as nossas Ligas de Bondade, que lá fôr contam milhares de adeptos, as ligas anti-alcolicas, as anti-tabagistas, anti-sifilíticas, protecção a prostitutas e raparigas orfãs? Onde estão os nossos Clubes de crianças, os Bons Jeudi, (que quenias colectividades destinadas a proporcionar ás crianças o bom convívio e brinquedos honestos nos dias em que não ha escola, as sociedades infantis protectoras dos animaes e plantas, etc etc?) Onde estão, por ultimo, os homens devotadamente amigos da educação popular, esses a quem se podem chamar os patriarcas do Bem? Existem entre nos jornaes que se contam facilmente e muitos (quasi todos) com publicação irregular.

Quanto a propagandistas, verdadeiramente na brecha temos se tanto meia duzia em prosa, e dois no verso. Os outros, que podiam produzir obra muito util... ou se recolleram definitivamente ao seu lar, medrosos de que o aparecimento em publico lhes traga a grande desilusão ou grande desgosto, ou se misturam ingloriosamente em lutas políticas...

E é assim com meia duzia je-

propagandistas, e com dois ou tres jornaes e sem uma colectividade (uma só) que se dedique verdadeiramente à educação e moralização popular, que se encontra num período de tanto progresso e de tantas afirmações novas, um povo de 5 milhões de habitantes que, se não acompanhar dentro de poucos anos esse progresso e essas afirmações, por factos, isto é, pela disciplina dos seus membros e pela educação moral da sua geração presente e futura (e principalmente desta), é um paiz liquidado.

Não tenha nos duvidas á esse respeito: só o misfaze da disciplina imposta pelos governos e pela coação natural da élite educativa, nos pôde salvar, e abecendo a verdadeira práctico de conhecimento dos deveres e dos direitos dos cidadãos. O resto o que para ahí se acha só a bo-

mentira, é um paliativo de que se servem os que se servem &

sombra desta triste situação em que nos encontramos.

A nossa crise é de carácter

Porque a verdade é que a nossa crise é só de carácter e de falta de educação. E com um povo sem estes predicados, que são tudo da alma humana, não pode viver, Portugal não poderá resistir ao embate, se mãos amigas o não amparem.

Oicamos Smiles, o maravilhoso educador e moralista, inglez que levou toda a vida a pregar o bem e a verdade ao seu povo, aliás sempre tão bem orientado:

«Quando deixar de se manter o carácter nacional, a nação pode considerar se próximo da sua perda. Quando cessar de praticar as virtudes da veracidade, honestidade, integridade e justiça, não merece viver. E quando para uma nação chega a hora em que a riqueza, o prazer e a facção, corromperam, depravaram ou enfataram o povo a ponta da honra, a ordem, a obediencia, a virtude e a lealdade revestirem o aspecto de casas do passado, então, no meio das trevas, quando os homens de bem, se por felicidade ainda houver alguns — andarem as apalhadelas e procurando as mãos uns aos outros, a sua unica esperança consistira na restauração e elevação do carácter nacional, porque só isso pode salvar uma nação; e se o carácter estiver irremediavelmente perdido não em boa verdade nada restara que valha a pena salvar».

Pode aplicar-se este caso á si-

tuação presente do nosso paiz. A degradação, a falta de respeito

pela vida alheia, a escroqueria, o luxo a mesa e a falta de carac-

ter, campeiam infames e causam

aqueles que ainda são homens de bem porque (parafraseando Smiles), felizmente ainda os ha-

rá para que quadro seja comple-

to poiquem também dizer que não

tem faltado os esforços desses homens de bem para atenuarem e terminarem com essa situação d'imprevidência para todos nós.

Asim se justifica a criação da

Cruzada Nacional Alvaro Pereira

e campanha nacionalista, etc.

(Continua)

Propaganda agrícola

O mestre da agricultura francesa abra de declarar que vai ser aberto um concurso durante seis meses para 6 milhares de cartões, destinados a propaganda e ensino agrícola.

Bem se parece esse barco com o nosso actual sistema de governação pública!

Bastas vezes ele cai em poder dos mais incompetentes e traiantes que, à falta de melhor procedimento, fecham as escolas e deixam ir a barcaça por ali fora tal como faz o proprietário do Ben and Glos; ao sabor das ondas...

PARA FECHAR

— Durante a minha vida nunca

encontrei uma mulher feia.

— Deveras? diz uma senhora que tinha o nariz chato; desancho a que me acha bonita.

— V. Ex. é uma beleza. É um anjo que caiu do céu, mas quando chegou a terra bateu com o nariz no chão.

— Cento-as outra vez; mas agora não me demores, suplicou, gente a infeliz.

Mas a noite foi inexorável, e a pobre mãe, torcendo as mãos, cantava e chorava. Foram muitas as suas canções e ainda mais as suas lagrimas.

— Afinal disse a noite: Vae direita aquele escuro pinhal. Foi para lá que vi a morte em caminhar; a desventurada correu para onde lhe diziam.

— Viu um pé de tojo sem folhas nem flores, mas cem os ramos e espinhos cobertos de geada.

— Não visto passar a morte com o meu filho?

— Sim respondeu o tojo, mas não digo para onde, se me não aqueceres contra o teu seio. Morro de frio e estou quasi feito num pedaço de gelo.

— O que das sê eu te deixar entrar em casa da morte?

— Valha-me Deus! Não tenho nada! Olha davante a vida, se pudesses

teus, que são pretos e lindos.

— Aqui os teus disse lhe a mãe, entregando-lhos.

— Ande comigo e espera.

— A morte pouco tardará.

Naquele instante passou um sopro de ar gelado, que fazia arripiar,

Retrou para a Praia da Nazaré o distinto fotografo sr. Silva Nogueira. Deve regressar a Faro em princípios de outubro.

— Com sua esposa e filhos está veraneando em Cascaes o sr. D. Antônio Júdice Magalhães Barros.

— Com sua esposa está na Praia da Rocha o general sr. José de Abreu Mamedo Ortigão.

— Está em Albufeira o sr. D. Margarida Baptista Vieira.

— É esperada esta semana na Praia da Rocha a família do sr. Antônio Júdice Magalh

Impressões de viagem

DE LISBOA A MACAU

Em 13, às 10 e meia horas, o avião levantou ferro e seguimos, pelo interior, para Koba.

A viagem faz-se passando muitas horas de grande numero de fármacos e muito povoados ilhas, abertas duma luxuosa vegetação.

Não se vê surgir do mar uma pequena rocha que não contenha uma ou mais árvores, dum belo verde. Quem nunca tenha visto o belo panorama, ao examinar pinturas ou gravura, ao representar, fatalmente, atribuirá o que é fantasia artística.

As 16 horas de 14 fundeamos em Kobe, — cidade de 450.000 habitantes. Pouco depois desembocámos assim de visitar a cidade que está longe de ser bonita.

O porto é o segundo do Japão em grandeza e movimento comercial.

Visitámos um museu a que melhor coube o nome de exposição. Exibiam-se de grande número de produtos fabricados no Japão — sedas, usabées, mobiliás, louças, etc., etc.

Vimos também uma das Numa kai Palácios bonitas mais magníficas.

— Estas mudanças de ares em Alcatraz são interessantes filhas do sr. José Filipe Alvarés, nosso ilustrado colaborador.

— Esteve em Faro, em serviço o sr. João Marçal Carregal, condutor em serviço na administração geral dos correios e telegrafos.

— Esteve em Faro o sr. E. Sabath, antigo comerciante desta cidade, que há anos foi residir para Lisboa.

— Com sua esposa e filho regressou daí das Caldas de Monchique o capitão de infantaria sr. Miguel Tavares Branco.

— Regressou, de Caldelas a sua casa em Portimão, o sr. António Palma Velho.

— Encontra-se em Faro o sr. dr. José Garcia, aluno do 5.º ano do liceu de Lisboa, sobrinho do nosso colaborador e distinto clínico dessa cidade, sr. dr. José Filipe Alvarés.

— Para as Caldas de Monchique partiu na sexta-feira com sua esposa, o comerciante desta cidade sr. Jacintho Neves.

— Vôou direto para a Praia da Rocha, onde tencionam permanecer estes dois primeiros meses, as r.º D. Judith e D. Albertina Faria.

— Esteve em Lisboa o sr. Justino Chaves, que assistiu a um jantar oferecido pelo cavaleiro Eduardo Macedo, onde se alvitrou a criação de fundos para a construção de um mausoléu que guarde os restos mortais dos toureros. O sr. Justino Chaves declarou conter com um conto de reis para tal fim.

— Consorciou-se em Lagos a sr. Dona Maria Ana Carmo Bicher Correia, filha do sr. José Bernardo Correia, com o tenente de infantaria 33.º sr. Jesuíno da Costa.

Subsistências

O sr. ministro do interior de terminou a G. N. R. que todas as unidades aquarteladas em Evora, Beja, Portalegre e Faro pretendem todo o seu auxílio às autoridades competentes para a repressão do contrabando de todos os géneros alimentícios e especialmente do trigo, que está provocando a carestia.

TEATROS

Cine Teatro

Na sexta feira deu a tournée Luz Vélos, o segundo espetáculo neste teatro, com o drama em cincas actos "Falsa Adultera".

O desempenho foi regular.

A hora, a que escrevemos, está a tournée representando a "Sacra da".

Era a Morte que chegava, em volta do seu escuro quarto.

Como pudeste chegar até aqui? perguntou-lhe enfurecida, mal vivente de si a infeliz, ajoelhada e a chorar.

— As tuas nadas é impossível. Restitui-me o meu olho!

— Afasta-te, não me toques; Deus não o permite.

E agora, e agora aqui tens os teus olhos, que tirei do fundo do lado, e olha para o alto. Vês o lindo céu azul, onde ruíla a dourada luz do sol! Põe ali dentro do céu, além das estrelas, num lugar aonde não podem chegar os olhos humanos, está Deus, que vê as tuas lágrimas e ouve as tuas suplicas, mas não as atende porque te quer pou par maior desventura.

— Major desventura que perder meu filho!

Sabes o que se tornaria com o decorrer dos anos se Deus o deixar viver? Um monstro, um criminoso, que amaldiçoaria a vida que hoje imploras para ele. E agora diz-me se ainda queres que lhe restitua ou se preferes que o leve comigo, inocente como é, para que um dia o possa encontrar no paraíso.

A pobre mãe, juntando as mãos inclinadas gritou:

Deus de misericórdia, não escuteis as minhas suplicas, não secesse as minhas lagrimas; tudo o que ordenaes é para o nosso bem; urja feita a vossa vontade.

Soluçando decaiu a cabeça para o peito.

E a Morte levou a creancinha para o ignoto.

Andressa

— Isolito sicut sap.

— Isolito sicut sap.